

O NÃO-LUGAR EM MEIO À COMUNIDADE LGBTQIA+ E À SOCIEDADE HETEROCISNORMATIVA: MASCULINIDADES MONODISSIDENTES A PARTIR DO DOCUMENTÁRIO “(BI)CHAS: A BISSEXUALIDADE E O SER AFEMINADO”

THE NON-PLACE IN THE MIDST OF THE LGBTQCommunity+ AND THE HETEROCISNORMANORMATIVE SOCIETY: MONODISSIDENT MASCULINITIES FROM THE DOCUMENTARY “(BI)CHAS: A BISSEXUALIDADE E O SER AFEMINADO”

Daniel da Silva Stack¹ & Danieli Klidzio²

RESUMO: Temos como ponto de partida a análise de conteúdo do documentário independente “(Bi)chas: A bissexualidade e o ser afeminado”, produzido e lançado em 2020 pelo estudante Victor Enger. Objetivamos discutir a construção de um não-lugar (ou de um lugar de apagamento) da bissexualidade, especialmente de homens afeminados. Consideramos que o documentário em questão visibiliza performances cotidianas e artísticas (mono)dissidentes a partir da mobilização de signos e narrativas que pautam a sexualidade para além do binarismo construído pelos pólos heterossexualidade *versus* homossexualidade. Destacamos que a produção de masculinidades está atrelada a um regime heterocisnormativo, no qual determinados marcadores são responsáveis por produzir uma masculinidade particular que não compartilha da mesma forma de privilégios concedidos pelo modelo hegemônico. Desse modo, masculinidades que fogem à norma heterocisnormativa e monossexista se deparam com uma falta de acolhimento mesmo em ambientes da comunidade LGBTQIA+ pois a bifobia afeta de modos específicos homens que se identificam como bissexuais e cuja performance de gênero é caracterizada como “afeminada”. Propomos a análise de itinerários de violências que perpassam ambientes escolares e familiares e a partir do documentário ficou nítido como a performance de gênero “afeminada” favorece o (des)reconhecimento da bissexualidade masculina. Os estereótipos de gênero contribuem para que esses homens sejam lidos como gays afeminados e tenham sua sexualidade deslegitimada mesmo mediante a repetida afirmação pessoal, impondo um constante “sair do armário” e um duplo apagamento de sua identidade, o que faz com que venham a “entender-se” bissexuais tardiamente e viver em um não-lugar.

ABSTRACT: We have as a starting point the analysis of content of the independent documentary “(Bi)chas: a bissexualidade e o ser afeminado”, produced and released in 2020 by student Victor Enger. We discuss the maintenance of a non-place (or a place of blanking out) of bissexuality, especially on effeminate men. We consider that the documentary in question makes visible everyday and artistic (mono)dissident performances from the mobilization of signs and narratives that guide sexuality beyond the binarism constructed by the heterosexuality versus homosexuality poles. We highlight that the production of masculinities is linked to a cis-heteronormative regime where certain markers are responsible for producing a particular masculinity that does not share the same privileges guaranteed by the hegemonic model. These masculinities that escape the heterocisnormative and monosexist norm have a demand for refuge also in the environment of the LGBTQIA+ community because biphobia affects men who identify themselves as bisexual and whose gender performance is characterized as “effeminate” in different ways. We propose the analysis of itineraries of violence that permeate school and family environments and from the documentary it became clear how the “effeminate” gender performance favors the (mis)recognition of male bissexuality. Gender stereotypes contribute to these men being read as effeminate gays and having their sexuality delegitimized even through repeated personal affirmation, imposing a constant “coming out of the closet” and a double erasure of their identity, which makes them “lately understanding themselves” bisexuals and living in a non-place due to the lack of reception.

Palavras-chave: Bissexualidade. Gênero. Masculinidades. Monodissidência

Keywords: Bissexuality. Gender. Masculinities. Monodissidence

¹ Mestrando em Ciências Sociais - Universidade Federal Santa Maria - UFSM, danielsstack@outlook.com, bolsista CAPES.

² Mestranda em Ciências Sociais - Universidade Federal Santa Maria - UFSM, danieliklidzio@gmail.com, bolsista CAPES.

INTRODUÇÃO

Partimos³ do documentário *(BI)CHAS: A Bissexualidade e o Ser Afeminado*⁴ (2020) objetivando analisar atravessamentos específicos sobre homens bissexuais afeminados e considerando a obra como parte de um campo de produção ativa de representatividades bissexuais. Produzido e lançado em 2020 por Victor Enger, *(Bi)chas* foi proposto como o primeiro documentário brasileiro sobre homens bissexuais afeminados, sendo divulgado a partir das redes sociais do autor e celebrado por bissexuais de todo o Brasil.

A teórica e ativista estadunidense Robyn Ochs define bissexualidade como “[...] o potencial de atração – romanticamente e/ou sexualmente – por pessoas de mais de um gênero, não necessariamente ao mesmo tempo, não necessariamente da mesma forma, e não necessariamente em mesmo grau.” (OCHS, [s. d.], n. p., tradução nossa). Definição semelhante é compartilhada pelo chamado Manifesto Bissexual publicado em 1990 na revista *Anything That Moves*⁵. Bem como também pelo ativismo bissexual brasileiro, como ilustra o Manifesto Bissexual Brasileiro⁶ que afirma que “bissexuais são pessoas para quem o gênero não é um fator determinante da atração sexual ou afetiva.” A partir disso, compreendemos a bissexualidade como identidade construída e ancorada no movimento social, para nomear determinada configuração da sexualidade e localizar sujeitos socialmente. Isso tem sido articulado a partir do conceito de “monodissidência”, fruto do ativismo bissexual brasileiro, mas que não propõe-se como identidade – ou com caráter identitário – e sim como uma recusa à monossexualidade. É uma proposta político-comunitária de nomeação de dissidências dessa lógica de compreensão da sexualidade (VAS, 2021) e nessa discussão situamos também o documentário *(Bi)chas*.

De modo geral, enquanto a bissexualidade feminina e jovem tende a ser mais palpável pois, assim como o desejo feminino homoerótico, é fetichizada sexualmente (LEÃO, 2018) – o que não significa, de fato, visibilidade ou reconhecimento – a bissexualidade masculina é

³ Neste artigo trazemos reflexões pertinentes às nossas pesquisas de mestrado em andamento: do primeiro autor sobre masculinidades, homoerotismo e mídias digitais e da segunda autora sobre bissexualidade, ativismo e mídias digitais. Além disso, incorporamos discussões já elaboradas para o 45º Encontro Anual da Anpocs (KLIDZIO; STACK, 2021) e agregamos pontos de análise.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wFDLcOmYIk8&t=367s> Acesso em: 05 nov. 2021.

⁵ A tradução do Manifesto Bissexual pode ser lida em: <https://medium.com/@avaadore/manifesto-bissexual-449500cd3bf> Acesso em: 05 nov. 2021.

⁶ Escrito por pessoas militantes/ativistas e pesquisadoras junto à Frente Bissexual Brasileira, o Manifesto Bissexual Brasileiro foi lançado em 2021 na segunda edição do Festival Bi+ e está disponível em: <https://www.frentebissexualbrasileira.org/manifesto-bissexual-brasileiro> Acesso em: 05 nov. 2021.

constantemente apagada. Homens que não se relacionam apenas com mulheres ou que têm performances⁷ de gênero relacionadas ao que é entendido socialmente como feminino, são automática e insistentemente lidos como homossexuais, como se essa fosse a única existência possível além da heterossexualidade. Seffner (2003) já afirmava que “[...] a masculinidade bissexual é boa para pensar e questionar a masculinidade hegemônica e a heteronormatividade, e a partir delas as diversas formas de construção da identidade” (p. 10-11)

Assim como os estudos feministas e das mulheres, os estudos sobre masculinidades tendem a ser desenvolvidos por uma perspectiva monossexual e binária da sexualidade, com exceção de algumas abordagens com centralidade sobre homens bissexuais pela temática do HIV/Aids (LAGO, 1999; SEFFNER, 2003). Esse binarismo pelo qual se compreende a sexualidade centra-se na possibilidade de atração afetiva e/ou sexual por apenas um gênero, considerando a heterossexualidade *versus* a homossexualidade como únicos pólos possíveis de existência e análise. Assim, pela perspectiva da monossexualidade opera um “[...] sistema de definição da sexualidade por meio do sexo/gênero da parceria sexual ou objeto de desejo”, já quando se trata da bissexualidade pensa-se “[...] na sexualidade independente do gênero” (MONACO, 2020a, p. 37).

Nesse sentido, propomos a ampliação da capacidade reflexiva nos estudos de gênero e sexualidade aliando teorias sobre bissexualidade e masculinidades dissidentes para analisar como o binarismo do gênero e da sexualidade se relacionam. Tensionando a noção de um não-lugar social para homens afeminados e bissexuais, ao contextualizarmos o documentário em uma breve análise de conteúdo trazemos pontos para colocar esses dois campos em diálogo por meio da noção de “itinerários de violências” pensando as performances de masculinidade desses homens.

O DOCUMENTÁRIO (BI)CHAS

Com duração de 42 minutos e 12 segundos, *(BI)CHAS: A Bissexualidade e o Ser Afeminado* (2020) é uma produção de Victor Enger, bissexual e estudante do curso de

⁷ O conceito de “performance” de gênero é trabalhado por Judith Butler no livro “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” publicado em 1990, no qual a autora analisa gênero enquanto prática social, construída e reiterada cotidianamente (BUTLER, 2003). Em sua visão, gênero não se constrói de forma coerente, ou seja, os sujeitos performam o que consideram como gênero ancorado nas normas sociais. Usamos o conceito de performance de gênero por compreendermos que é a partir da construção do gênero que os participantes do documentário se distanciam das convenções sociais, o que os coloca como alvos de violência, a qual tem como objetivo sufocar performances de gênero distantes do modelo normativo vigente.

Comunicação e Multimeios da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Foi produto de uma disciplina voltada para a elaboração de seu trabalho de conclusão de curso (ENGER, 2020), sendo uma produção artística que parte de uma problemática elaborada com base na literatura científica sobre (bi)ssexualidade.

Foi gravada via chamadas de vídeo por conta do isolamento físico no contexto da pandemia da Covid-19, o que não impossibilitou o desenvolvimento e a montagem de uma estrutura narrativa e estética. Por exemplo, ao longo das falas dos participantes que estavam em suas casas foram utilizadas molduras de fundo como recurso estético de padronização do ambiente. Essas molduras “[...] contam com diversas animações em magenta, roxo e azul (cores da bandeira do movimento bissexual) e são responsáveis pela unidade visual do filme”, sendo “[...] desenvolvidas a partir de diversas distorções da imagem da bandeira bissexual.” (ENGER, 2020, p. 18-19).

(Bi)chas é uma produção audiovisual independente que parte de conceitos e problematizações teóricas relacionadas ao ativismo e à bissexualidade como identidade política ao trazer narrativas de vivências de homens bissexuais afeminados. Insere-se num campo no qual os estudos sobre bissexualidade têm identificado dificuldades de representações bissexuais no audiovisual (CANCIO, 2021; ROSSI, 2020) e na mídia de modo geral. Essas dificuldades se dão por conta da ausência de menções e pressuposições de existências bissexuais, ou então, devido a presença de personagens que reproduzem estereótipos e apagamentos, mesmo em produções voltadas ao público LGBTQIA+⁸.

Com a análise de conteúdo nos guiamos pela narrativa dos quatro homens bissexuais entrevistados no documentário e pela estética visual deste, pensando na representatividade buscada e em seu diálogo com o movimento bissexual, na perspectiva da bissexualidade enquanto identidade política. A análise de conteúdo auxilia na compreensão de intenções e efeitos de uma obra propondo a descrição objetiva e também a interpretação subjetiva (SANTOS, 2012). Portanto, a partir dela consideramos dois eixos do documentário: narrativa/estética e diálogo com a teoria científica (sobre bissexualidade e masculinidades) e com o ativismo (bissexual). Eixos que se relacionam com o campo das produções midiáticas e artísticas de representatividade como práticas de resistência, forjando visibilidades. A análise

⁸ Utilizamos esta versão da sigla para tratar da comunidade LGBTQIAP+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, queers, intersexuais, assexuais, pansexuais e outras possíveis identidades e identificações). A utilizamos também por uma perspectiva política e existencial pois há diferentes configurações da sigla em uso atualmente.

do documentário demandou que se estabelecesse uma sistematização de dados para que as narrativas dos interlocutores pudessem ser compreendidas em maior profundidade. Estabelecemos categorias de análise em uma tabela com o período (em minutos) em que essa fala pode ser observada no documentário. A primeira categoria de análise foi “bissexualidade”, que reunia a percepção da bissexualidade para cada participante, a maneira como se descobriram bissexuais e como se percebiam enquanto homens bissexuais afeminados. A segunda categoria de análise foi “masculinidades”, que tinha como objetivo reconhecer discursos que produziam o que era “ser homem” nos espaços que transitavam. E por último, na categoria “violências”, reunimos os constrangimentos que esses jovens experienciaram por conta de sua sexualidade ou performance de gênero.

A partir da narrativa de sonhos, da infância, da convivência escolar e familiar no documentário temos acesso a relatos de quatro homens jovens e afeminados que se identificam como bissexuais: Caíque Gomes da Rocha, Gabriel Moreira, Matheus Delfino e Tiago Moura. Conforme o arquivo textual chamado de “memorial” que embasa o documentário, Enger (2020) elaborou cerca de 25 perguntas que guiaram a captação dos depoimentos e foram adaptadas no decorrer das entrevistas, permitindo abordar processos de socialização e identificação enquanto tais pensando em seus recursos de resistência.

Identificamos a articulação das subjetividades dos participantes com recursos visuais que remetem à bissexualidade e a emoções como a sensação de isolamento por conta da bifobia e do monossexismo. Por exemplo, nos 2 minutos e 22 segundos iniciais, que compõem um momento de “abertura” no qual são apresentados indiretamente os quatro participantes, são trazidas falas destes acerca de sonhos que costumam ter. Ao mesmo tempo aparecem na tela desenhos e performances com seus rostos maquiados ou fotos com a bandeira bissexual. Nesse primeiro momento já é apresentada a estética geral do documentário, que intercala imagens em preto e branco com coloridas, sendo preponderante o roxo em menção à bandeira bissexual, que compõe também as molduras utilizadas no decorrer das gravações como mencionado acima.

Além disso, a divulgação e circulação da obra merece destaque. Por suprir uma necessidade de representatividade foi amplamente compartilhada e celebrada em redes sociais como Instagram e Twitter, inclusive por segmentos acadêmicos e ativistas bissexuais. Enquanto produção acadêmica teve um momento de exposição como trabalho final de conclusão de curso de maneira on-line no dia 30 de novembro de 2020, às 16 horas (horário de Brasília). Também foram adotadas “estratégias de visibilidade do produto” (ENGER, 2020, p. 29) que consistiram em explorar os usos das mídias digitais para a divulgação a partir da gravação de um *teaser*.

Nele o autor, em frente a uma bandeira bissexual e iluminado por luzes roxas (que constituem a “estética bissexual” da produção) lê o manifesto bissexual de 1990 (ADORE, 2017) que está presente também ao longo do documentário.

ITINERÁRIOS DE VIOLÊNCIAS: AS ESFERAS DE CONTROLE DA PERFORMANCE DE MASCULINIDADE

A partir das vivências dos participantes do documentário visualizamos diferentes esferas sociais nas quais passaram por situações de violências e constrangimentos por não estarem de acordo com a norma de gênero estabelecida. Nesse sentido, a noção de itinerários de violências auxilia na compreensão de que há diversos espaços de regulação pelos quais esses sujeitos transitaram, bem como diferentes caminhos que os levaram a se reconhecerem enquanto bissexuais.

Mas o que sobressaiu em nossa análise é que esses constrangimentos e violências surgem quando esses sujeitos ainda são jovens, antes mesmo de “descobrirem” sua sexualidade são rotulados por pessoas próximas como “viadinho”, “bichinha” e derivados. O pânico relacionado a essas categorias é criado desde cedo, o que faz com que alguns meninos prematuramente desenvolvam preocupações com suas performances de gênero por conta de imposições externas. Isso se dá porque aqueles cuja sexualidade estará orientada para a não-heterossexualidade, mas sua masculinidade assemelha-se às definições de virilidade, dificilmente terão sua sexualidade questionada da mesma forma – seja no segmento familiar ou escolar – pois a leitura da sexualidade e, conseqüentemente, o preconceito, acontecem principalmente a partir da leitura de categorias de gênero.

De modo geral, o controle da masculinidade é pautado pela busca da falha, da deslegitimação do sujeito em relação ao seu status de “homem” por não se portar de acordo com o “*briefing*”⁹ da masculinidade heterossexual. Pequenos comportamentos já são considerados falhas na masculinidade, como destaca um dos participantes do documentário ao afirmar que no ambiente escolar andar com as meninas ou não praticar esportes como futebol eram motivos suficientes para constrangimentos vindos de colegas.

Conforme Connell (1995, p. 189) relata:

⁹ Conjunto de informações que constitui uma espécie de roteiro, em que se age de acordo com.

Em primeiro lugar, diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social; as relações de gênero incluem relações entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade. Uma determinada forma hegemônica de masculinidade tem outras masculinidades agrupadas em torno dela.

Ao passo que uma configuração de masculinidade subalterniza outras configurações, essa assume-se como um ideal de masculinidade hegemônica (CONNELL, 2003). Na esfera familiar, a violência sofrida por esses sujeitos com relação à sua expressão de gênero não-heteronormativa (antes mesmo de sua sexualidade) são (re)produzidas por seus familiares, com destaque na figura paterna. A criação familiar busca transmitir valores sociais “tradicionais”, ou seja, orientar os filhos à monogamia heterossexual-reprodutiva, dessa forma, quando uma pessoa se assume não-heterossexual há um questionamento familiar em busca do “erro”, para achar o que a família “fez de errado” na criação para levar alguém a “tornar-se” LGBTQIA+ (LOURO, 2000).

Comumente quando um homem se assume homo/bissexual esse fato se atribui a falta de uma figura paterna seguido da culpabilização da mãe por ter acobertado, incentivado ou não ter corrigido tal comportamento. Dessa forma, é como se a pessoa colocasse em cheque a moral dos pais perante a esfera pública ao assumir outra identidade que não a heterossexual¹⁰ (LOURO, 2000). Por consequência, o comportamento familiar busca corrigir qualquer indicativo de “falha” no comportamento de gênero de crianças e adolescentes.

No documentário *(Bi)chas* (2020), os relatos dos participantes circularam o distanciamento da figura paterna e a insistência de que “se comportassem como homem”. Um dos interlocutores relatou se sentir excluído pelos pais e irmãos por não se encaixar dentro do molde estipulado pelos membros homens de sua família. Vemos que a regulação da masculinidade está ligada ao compartilhamento simbólico entre o grupo que estabelece relações de reconhecimento entre iguais. Seja na família ou na escola, o sujeito só é bem-vindo e aceito quando compartilha dos mesmos ideais e comportamentos do restante do grupo.

A minha infância foi complicada, não tive uma relação boa com meu pai. Com minha mãe sempre fui um grude, até hoje. Mas com meu pai não tinha uma relação ali. Ele falou na minha cara que não queria que eu tivesse nascido. Que ele não gostava de mim de jeito nenhum. Era ele e meus irmãos héteros e eu ficava jogado de lado (Tiago Moura).

Nas falas sobre vivências escolares os participantes trouxeram à tona a fragilidade que o ambiente escolar apresenta frente às discussões de gênero e sexualidade, visto que se

¹⁰ Em meio a isso a bissexualidade tende a estar fora até mesmo do vocabulário, sendo as identidades não monossexuais sequer cogitadas como possibilidades de existência.

caracteriza como espaço de reprodução da cis-heteronormatividade e da monossexualidade não conseguindo se adaptar/acolher à diferença. A disciplina escolar se orienta por uma concepção universal que estimula a heterossexualidade e a monossexualidade, colocando todos os sujeitos no ambiente escolar como heterossexuais (e discrimina as dissidências, que são entendidas como pertencente ao campo da homossexualidade). Para isso, a distinção de gênero é acentuada em diferentes ocasiões. Na fala dos interlocutores a aula de educação física foi marcada por uma dinâmica de gênero que ia além da prática de esportes. Por exemplo, o fato de professores(as) reproduzirem uma atividade “masculina” (futebol) e outra “feminina” (vôlei e ginástica) colocava as pessoas que não participam dessa dinâmica de práticas como alvos de preconceito.

Há uma idealização de homem “de verdade” como oposição a tudo o que é considerado feminino (LOURO, 2000, p. 14) na qual as dinâmicas de gênero dentro do modelo escolar segregam sujeitos por conta de sua expressão de gênero. Um dos participantes do documentário afirma que uma de suas estratégias para evitar ser alvo de violência era passar o intervalo na biblioteca ou próximo a secretaria.

Eu tinha doze anos e o menino me ameaçou de ir lá no colégio me espancar na frente de todo mundo, por nada, eu nem conhecia ele. Aí ele me fez escrever para ele “eu sou um arregão”, fez vários memes e no outro dia todo mundo estava rindo de mim, até meu professor. Apanhei no colégio também, por um cara que achou que eu estava imitando ele, sendo que eu só estava encostado na parede com os braços cruzados. Ele me chutou tão forte no estômago que eu caí no chão e não conseguia respirar. (Tiago Moura).

A fala de Tiago evidencia o controle social pela violência que incide sobre os corpos de sujeitos não-normativos, demonstra o despreparo e a ineficiência com que a comunidade escolar lida com essas questões. Há a reprodução de um “currículo oculto” (LOURO, 2000) em relação à norma de gênero e sexualidade, estimulando a cis-heteronormatividade (e sem pressupostos para além da monossexualidade), o que faz com que sejam construídos ambientes sociais propícios à LGBTQIA+fobia.

O NÃO-LUGAR DO HOMEM BISEXUAL AFEMINADO

Com o não alinhamento da expressão de gênero dos participantes do documentário ao ideal de masculinidade hegemônica (CONNELL, 2003) é possível observar que na vivência de suas sexualidades há um duplo apagamento que se intersecciona: enquanto homens afeminados e enquanto bissexuais. A partir da performance de gênero esses sujeitos vivenciam um processo constante de sair do “armário” e, nesse sentido, as violências que gays e bissexuais enfrentam

são distintas porque “[...] diante da enunciação da bissexualidade, existe a tentativa de encaixe do sujeito bissexual na categoria binária-oposicional homo/heterossexual.” (BAÉRE; ZANELLO, 2020, p. 9).

Conforme Baére e Zanello (2020), os espaços de socialização emergem como uma categoria de análise de violências e há um ideal de virilidade que é imposto desde a infância e a adolescência que soma-se à ausência de acolhimento e sensação de pertencimento social de homens afeminados. Desse modo, há diferenças em relação a mecanismos de resistência em função da orientação sexual e identidade dos sujeitos, onde a falta de espaços de pertencimento é preponderante para bissexuais pois “em uma sociedade tão acostumada com a monossexualidade, é esperado que a orientação do desejo seja exclusiva” (BAÉRE; ZANELLO, 2020, p. 9).

Nesse sentido, a pesquisadora brasileira Elizabeth Sara Lewis (2012) pensa a bissexualidade como marginalizada em função do binário heterossexual/homossexual. Entendendo-a como construção sócio-histórico-cultural e com o objetivo de analisar suas construções identitárias performativo-discursivas, a autora argumenta que quando se trata de bissexuais estas são permeadas por tentativas de fugas de estereótipos e provações, sendo isso fruto de um policiamento sobre o ato de identificação com o rótulo “bissexual” e também sobre menções a desejos e práticas de bissexuais (LEWIS, 2012).

Desse modo, uma percepção de diferença e não-lugar emerge na medida em que corpos e identidades são concebidos não apenas como diferentes, mas como um “outro”, sem reconhecimento, e que é violentado. Como destaca Lewis (2012), há uma marginalização também dentro de espaços idealmente de comunidade e de acolhimento. Para ela, “[...] dentro do movimento LGBT frequentemente funciona outro sistema de restrições sociais: uma matriz homonormativa que exige que as pessoas expressem desejo sexual e afetividade por pessoas do “mesmo” sexo/gênero e marginaliza as que não se encaixem nesse perfil.” (LEWIS, 2012, p. 17). Não a toa que ações de ativismo bissexual têm sido analisadas sob a ótica do acolhimento, como “[...] mais do que reivindicar direitos ou políticas públicas” mas “[...] criar espaços seguros de convivência e trocas entre pessoas bissexuais (MONACO, 2020b, p. 229).

Homens bissexuais com perfomances de gênero ligadas ao que entende-se culturalmente como características do feminino são automaticamente lidos como gays pois a aparência – o uso de maquiagem, por exemplo – são entendidos como marca definidora de uma identidade homossexual. Assim, homens bissexuais afeminados enfrentam violências bifóbicas

e monossexistas porque representam uma ruptura em relação à matriz binária da sexualidade, e também à lógica de continuidade entre gênero-performance-desejo. Representam uma ambiguidade que busca ser “corrigida” com a classificação externa constante destes enquanto gays, pois na lógica monossexual e binária e, mesmo que exista a possibilidade de desejarem e se relacionarem com mulheres, não há a possibilidade de serem reconhecidos enquanto bissexuais, enquanto identidade “suficientemente real” (LEÃO, 2018) e não apenas como um “outro tipo” de homossexualidade.

Ao analisarmos a regulação da sexualidade nas esferas sociais sob a lógica do “armário”, termo cunhado pela teórica norte-americana Eve Kosofsky Sedgwick (2007) e reconhecido como símbolo de opressão a homossexualidade no século XX, identificamos que na vida dos participantes do documentário o armário não está sob a lógica da dúvida constante da homossexualidade. Na argumentação da autora sobre a homossexualidade, os sujeitos negociam a visibilidade de sua sexualidade em cada espaço, porém, quando se trata da bissexualidade a expressão de gênero desses sujeitos faz com que a leitura de sua sexualidade seja orientada automaticamente para a homossexualidade. Assim, o processo de saída constante do armário para esses sujeitos envolve afirmar e lutar pelo reconhecimento de sua bissexualidade, discutindo com uma lógica que não a concebe como existente. Fato observável na fala de um dos participantes ao compartilhar uma situação que ocorreu em seu emprego, onde mesmo afirmando-se bissexual para uma colega, teve esse reconhecimento negado. A colega em questão continuou afirmando que ele era homossexual e pediu a “opinião” de outro colega sobre o que ele achava da sexualidade do participante.

Com relação às situações de desreconhecimento, a opressão relacionada à expressão de gênero se estende para além da violência física e preconceito, afetando o desejo dos participantes e a saúde mental. No que diz respeito à expressão do desejo foram relatadas dificuldades de se relacionar com mulheres pois a expressão da masculinidade que configura o desejo nos relacionamentos é oposta à expressão de masculinidade que os participantes apresentam.

A percepção de mulheres cis-heterossexuais acerca da bissexualidade circula através de imaginários estereotipados, imperando uma falsa concepção de que homens bissexuais nunca estariam plenamente satisfeitos em suas relações, sentindo “falta” de se relacionarem com demais gêneros, ou que não fossem “homem o suficiente” para se relacionarem com mulheres. Conjuntamente a isso está a premissa de que a bissexualidade masculina penderia mais à

homossexualidade, como presente no trecho do programa *Casos de Família*¹¹ exibido na abertura do documentário. A apresentadora e uma psicóloga do programa fazem tal afirmação com base em uma visão binária da sexualidade, que exige discursivamente que a bissexualidade seja categorizada em termos como “mais hétero” ou “mais homo”. Esses estereótipos da bissexualidade masculina corroboram para uma constante negativa à masculinidade, criando o julgamento de que esses sujeitos “trairiam” o gênero, fomentando uma sensação de engano quando descobre-se a bissexualidade em possíveis parceiros.

No mesmo trecho do programa *Casos de Família*, a psicóloga afirma que “A bissexualidade, as pessoas ficam... não é chocadas, mas as pessoas cobram uma decisão. Porque é muito moderno, sabe? Pô ‘mas é homem ou mulher que você quer?’ As pessoas ficam incomodadas porque não há uma decisão.” Nessa construção discursiva, além da leitura da sexualidade apenas por dois pólos opostos (hétero e homo) também presume-se a existência de somente dois gêneros (homem e mulher).

Nesse sentido, em relação à bissexualidade a ótica pela qual a noção de identidade é pensada é distinta. Ao mesmo tempo em que acompanha muitos dos pressupostos teóricos e políticos acerca das identidades homossexuais: gays e lésbicas, por exemplo, a identidade bissexual merece ressalvas em relação à fluidez e à extrapolação perante o binário da sexualidade. O qual opera tanto no cotidiano das dinâmicas das relações sociais, quanto epistemologicamente nos estudos de gênero e sexualidade. Assim, para que seja possível pensarmos as representatividades para além da perspectiva monossexual, é preciso estranhar a monossexualidade como lógica que organiza discursivamente de forma binária a sexualidade, e que supõe-se universal.

Como exemplifica a fala de Gabriel Moreira no documentário, existe um “não-lugar em meio à comunidade LGBT e em meio à sociedade heterocisnormativa”. Quando se trata de homens bissexuais afeminados não existe somente uma invisibilidade de suas existências e experiências, mas um apagamento e violações que são fruto de pré-concepções sobre gênero e sexualidade. Masculinidades (mono)dissidentes como as bissexuais enfrentam dificuldades de pertencimento ao universo das masculinidades (SEFFNER, 2003), passando por violências

¹¹ *Casos de Família* é um *talk show* apresentado pela jornalista Christina Rocha e exibido pela emissora de televisão SBT. O programa recebe participantes com conflitos de convivência nos mais variados temas, abordando problemas que acontecem entre membros da mesma família, vizinhos ou no ambiente de trabalho. Veja mais em: <https://audienciadatv.net/bastidores-da-tv/casos-de-familia-programa-de-christina-rocha-na-vice-lideranca-pro-sbt/> Acesso em: 05 nov. 2021.

juntamente com condições de isolamento e silenciamento. A bifobia e o monossexismo andam de mãos dadas com estruturas de gênero, sendo a análise e discussões sobre masculinidades bissexuais um campo que desvela camadas de marginalizações. O não-lugar retrata um limbo para o qual homens bissexuais são empurrados, primeiramente por não compartilharem os signos da heterossexualidade, e secundamente por serem acusados pela comunidade LGBTQIA+ de se aproveitarem de “privilégios heterossexuais”.

Ainda como afirma o participante Gabriel Moreira:

Pra pessoas LGBTs no geral é muito difícil o processo de saída do armário, né, porque a gente se entender dentro de uma sociedade que é heteronormativa, naturalmente, isso já é difícil. Só que pra além de a gente ter uma sociedade que é heteronormativa e é homofóbica, a gente também tem uma sociedade que é, tipo, pautada na binaridade. Todo o nosso pensamento é dentro de uma lógica binária, sabe? A gente só pensa, tipo, na possibilidade de homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais, é sempre essa dicotomia e nunca pra além dela. **Não que seja mais difícil ou mais fácil, mas é bem diferente pra pessoas bissexuais.** Pra pessoas homossexuais, que vejo falando sobre a saída do armário e sobre o processo de se autoidentificar enquanto homossexuais, é muito **nesse lugar de “ok, eu não sou hétero, mas eu sei que talvez eu possa ser homossexual.” E pra bissexuais não, não é uma possibilidade a gente ser bissexual.** (Gabriel Moreira, grifo nosso).

Ao abordarmos masculinidades que fogem à norma hegemônica, partindo das narrativas de sujeitos bissexuais presentes no documentário, analisamos como a bifobia afeta de modos específicos homens que se identificam como bissexuais e cuja performance de gênero é caracterizada como “afeminada”. Além disso, é por não se verem representados que esses sujeitos colocam-se como produtores de narrativas sobre si, articulando suas experiências cotidianas a partir da arte e da criação de espaços de expressão.

Desse modo, a bissexualidade – e aqui especialmente a bissexualidade de homens afeminados – constitui-se como identidade na medida em que é reivindicada como ferramenta política, elencada coletiva e relacionalmente, no caso: para nomear-se como não-heterossexual mas também como não-homossexual. Em grande medida, nas narrativas de si é que a identidade bissexual emerge como discurso que traz visibilidade sobre a bissexualidade pois a coloca em debate enquanto possibilidade de existência. Assim, a partir dos sujeitos participantes do documentário e com a operacionalidade de conceitos teóricos específicos como os aqui articulados (de monossexualidade e monodissidência), a bissexualidade e as masculinidades bissexuais afeminadas podem ser visualizadas como lugares sociais específicos (ou não-lugares) em tensionamento.

O fato de que há na esfera social maior familiaridade com a homossexualidade como única existência possível além da heterossexualidade colabora para que esses sujeitos

tardamente se reconheçam enquanto bissexuais e vivenciem um processo constante e repetitivo de reafirmação e de “saída do armário”. Em uma busca incessante por terem sua identidade, expressão de gênero e desejo compreendidas e respeitadas. Isso também dialoga com as críticas e denúncias de bifobia que tratam de condições de invisibilidade e apagamento da bissexualidade, que têm sido o eixo que identificamos como mais abordado nas pesquisas científicas e nos ativismos dos quais muitas dessas pesquisas tratam (CANCIO, 2021; JAEGER, 2018; KLIDZIO, 2019; LEÃO, 2018; LEWIS, 2012; MONACO, 2020a; ROSSI, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos o documentário *(BI)CHAS: A Bissexualidade e o Ser Afeminado* (2020) como uma produção ativa de si por sujeitos sub-representados, sendo uma obra artística e midiática que produz visibilidade e dialoga com a representação da bissexualidade enquanto identidade política. Realizada e compartilhada a partir das mídias digitais, destaca-se em um campo de construção de narrativas de resistência e representatividade através da produção cultural independente. Além disso, elaborada a partir de uma pesquisa acadêmica, sinaliza um diálogo entre ativismo e academia no que diz respeito ao tema da bissexualidade enquanto identidade e da monodissidência enquanto conceito guarda-chuva e proposta política.

Evidenciamos como a performance de gênero não normativa é um fator preponderante nas violências sobrepostas a esses sujeitos. Somado a isso, o fato de serem lidos socialmente como homens gays devido à sua aproximação com a feminilidade ressalta um duplo apagamento de sua identidade enquanto bissexuais. A essas bissexualidades masculinas cabe o isolamento ou um limbo em função do binarismo da sexualidade. Esse limbo como fruto de um duplo apagamento produz condições psicossociais que relega esses homens bissexuais afeminados a um não-lugar social que se materializa na escola, na família, no mercado de trabalho e também nas relações afetivas e/ou sexuais.

REFERÊNCIAS

BAÉRE, Felipe de; ZANELLO, Valeska. Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. **Psicologia em estudo**, v. 25, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/LzMM7YDThptPXckJkpKnWkn/abstract/?lang=pt> Acesso em: 05 nov. 2021.

(BI)CHAS: A Bissexualidade e o Ser Afeminado. Direção: Victor Enger. Produção de Victor Enger. São Paulo, SP: distribuição independente, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wfDLcQmYIk8&t=367s> Acesso em: 05 nov. 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANCIO, Talitta S. **Sim, elas são bissexuais:** representação de personagens bissexuais femininas nas telenovelas da Globo. 2021. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2021. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/handle/123456789/11508> Acesso em: 20 set. 2021.

CAVALCANTI, Camila D. Visíveis e invisíveis: Práticas e identidade bissexual. 2007. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Centro de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9574/1/arquivo9196_1.pdf Acesso em: 05 nov. 2021.

CONNELL, Raewyn W. **Masculinidades.** Universidade Nacional Autônoma do México: Cidade do México, 2003.

CONNELL, Raewyn W. Políticas da masculinidade. **Educação & realidade**, Porto Alegre, 20(2):185-206 jul./dez, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725> Acesso em: 17 ago. 2021.

ENGER, Victor. **(BI)CHAS: A Bissexualidade e o Ser Afeminado.** 2020. Memorial (Trabalho de conclusão de curso em Comunicação e Multimeios) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2020.

JAEGER, Melissa B. **Experiência de minas bissexuais:** políticas identitárias e processos de marginalização. 2018. 131 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/205732> Acesso em: 20 set. 2021.

KLIDZIO, Danieli; STACK, Daniel. Masculinidades monodissidentes a partir do documentário (BI)CHAS: A Bissexualidade e o Ser Afeminado. In: 45º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2021. **Anais do 45º Encontro Anual da Anpocs.** Disponível em: https://www.anpocs2021.sinteseeventos.com.br/atividade/view?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czoZnJoiYToxOntzOjEyOiJRRF9BVElWSURBREUiO3M6MzoiMjM2Ijt9IjtzOjE6ImgiO3M6MzI6ImUwZTAyYTk2MzI2OGRhMDMzYjI4ZTM0NzZmZmJlMwQ1Ijt9&ID_ATIVI DADE=236 Acesso em: 05 nov. 2021.

LAGO, Regina F. do. **Bissexualidade Masculina:** dilemas de construção de identidade sexual. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 1999.

LEÃO, Maria. **Os unicórnios no fim do arco-íris:** bissexualidade feminina, identidades e política no Seminário Nacional de Lésbicas e Mulheres Bissexuais. 2018, 117 f. Dissertação (Mestrado) - Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-909618> Acesso em: 20 set. 2021.

LEWIS, Elizabeth S. **“Não é uma fase”:** Construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais. 2012. 267 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,

2012. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=20671@1> Acesso em: 7 nov. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MONACO, Helena M. “**A gente existe!**”: ativismo e narrativas bissexuais em um coletivo monodissidente. 2020. 150 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020a. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/19897> Acesso em: 20 set. 2021.

MONACO, Helena M. Acolhimento como ativismo: ações de um coletivo bissexual na criação de espaços “monodissidentes.” **Simbiótica**, Vitória, v. 7, n. 3, jul.-dez., p.228–251, 2020b. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/33701> Acesso em: 20 set. 2021.

OCHS, Robyn. Bisexual: A Few Quotes from Robyn Ochs. **Robyn Ochs**. Disponível em: <https://robynochs.com/bisexual/> Acesso em: 20 set. 2021.

ROSSI, Fernanda S. **Representação cultural e reconhecimento da bissexualidade: uma análise de Minha Mãe É Uma Peça 2 e The Bisexual**. 2020. Dissertação (Mestrado) – Curso de Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2020. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/ComunicacaoSocial_FernandaSantosRossi_8670.pdf Acesso em: 20 set. 2021.

SANTOS, Fernanda M. dos. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 6, n. 1, p. 383-387, 2012. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291> Acesso em: 05 nov. 2021.

SEDGWICK, Eve. K. A Epistemologia do Armário. **Cadernos Pagu**. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas, n. 28, p. 19-54, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644794> Acesso em: 17 ago. 2021.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual**. 2003, 261 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/4340> Acesso em: 05 nov. 2021.

VAS, Dani. Minha militância monodissidente. **Bi-sides**, São Paulo, 7 abr. 2020. Disponível em: <https://www.bisides.com/post/minha-militancia-monodissidente> Acesso em: 20 set. 2021.